



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CAMPUS VI  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**ELIZÂNGELA RAQUEL DA SILVA SANTOS**

**A ARTE RETÓRICA EM PADRE ANTONIO VIEIRA: UMA LEITURA DO  
SERMÃO *NOSSA SENHORA DO Ó***

**Monteiro- PB**

**2017**

**ELIZÂNGELA RAQUEL DA SILVA SANTOS**

**A ARTE RETÓRICA EM PADRE ANTONIO VIEIRA: UMA LEITURA DO  
SERMÃO *NOSSA SENHORA DO Ó***

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Literatura

**Orientadora:** Prof. Me. Simone dos Santos  
Alves Ferreira

**Monteiro- PB**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Elisângela Raquel da Silva.  
A arte retórica em padre Antônio Vieira [manuscrito] : uma leitura do sermão Nossa Senhora do Ó / Elizangela Raquel da Silva Santos. - 2017.  
20 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."  
1. Sermão Nossa Senhora do Ó (Obra). 2. Antônio Vieira, Padre. 3. Literatura portuguesa. I. Título  
21. ed. CDD 808.5

ELIZÂNGELA RAQUEL DA SILVA SANTOS

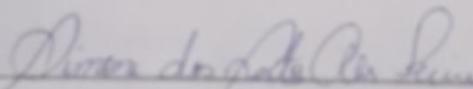
A ARTE RETÓRICA EM PADRE ANTONIO VIEIRA: UMA LEITURA DO  
SERMÃO NOSSA SENHORA DO Ô

Artigo apresentado ao Curso de Letras do  
Centro de Ciências Humanas e Exatas da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduada em Letras com habilitação em  
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

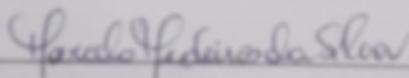
Aprovada em: 04/08/2017

BANCA EXAMINADORA



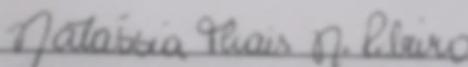
Prof.ª Me. Simone dos Santos Alves Ferreira (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Especialista Natássia Thaís do Nascimento Ribeiro

Dedico este trabalho a minha tia Maria das Graças, que sempre confiou em mim e na minha capacidade e inteligência, possibilitando a realização desse sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pois sem ele não seria capaz de ter chegado até o fim deste curso com tantas provas que tive na minha vida.

À minha família, meu pai Antonio Carlos dos Santos, minha mãe Hozanete da Silva Santos, aos meus irmãos Nicolas Emmanuel, Edizangela, Karollayne, que sempre me deram força quando pensei que não conseguiria.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram, muito obrigada.

E um enorme agradecimento a minha Orientadora Professora Simone Alves que nesse caminho me aceitou quando mais precisei, me orientando até aqui, obrigada, sem você talvez não teria concluído.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. A retórica em padre Antônio Vieira.....</b>	<b>09</b>
<b>2.1 o barroco e a contrarreforma: o discurso retórico no Sermão <i>Nossa Senhora do Ó</i>.....</b>	<b>11</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>4. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

# A ARTE RETÓRICA EM PADRE ANTONIO VIEIRA: UMA LEITURA DO SERMÃO *NOSSA SENHORA DO Ó*

Elizângela Raquel da Silva Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Padre Antonio Vieira (1608-1697) é um nome emblemático na literatura portuguesa. Sua obra é bastante extensa e tem sido estudada ao longo dos séculos a partir das mais diversas perspectivas. Neste artigo, a partir dos pressupostos da arte retórica, conforme o pensamento de Aristóteles, vamos analisar o Sermão *Nossa Senhora do Ó*. Nessa nossa leitura, recorreremos a autores como Saraiva (1980), Àvila (2009), Fiorin (2014, 2015) que nos permitirão ler o intrincado discurso engenhoso de Vieira.

**Palavras-Chave:** Retórica. Discurso Engenhoso. Sermão.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, a preocupação com a arte de falar bem e se expressar de maneira satisfatoriamente clara foi preocupação de grandes estudiosos. Afinal, a vida em sociedade, como afirma Fiorin (2015), trouxe para o homem um dos maiores aprendizados: todas as questões não precisavam ser resolvidas pela força, mas, sim, através das palavras era possível fazer com que os outros pudessem fazer aquilo que desejávamos que eles fizessem. Conta-se que as origens da retórica remontam a seguinte situação:

[...] por volta de 485a.C., depois que uma sublevação democrática derrubou os tiranos da Sicília Gelon e Hieron, que, durante seu governo, tinham expropriado muitas terras com a finalidade de distribuí-las a seus soldados. Depois da vitória dos insurretos, os proprietários espoliados reclamaram a devolução de suas propriedades. Esses processos mobilizavam grandes juristas populares, que precisavam ser convencidos da justiça da reivindicação. A eloquência necessária para impedir o ânimo dos jurados tornou-se objeto de ensino. Os primeiros professores foram Empédocles de Agrigento, Córax, seu aluno em Siracusa e o que inaugurou a cobrança por lições ministradas, e Tísias [...] (FIORIN, 2014, p.09).

Ainda conforme Fiorin (2014), a retórica é a disciplina que, na história do Ocidente, deu início aos estudos sobre o discurso e é tida como a arte de convencer pelo

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.

discurso: “A retórica é chamada de arte (do latim *ars*, que traduz o grego *techné*), porque é um conjunto de habilidades (é uma técnica, entendiam os antigos) que visa a tornar o discurso eficaz, ou seja, capaz de persuadir” (FIORIN, 2014, p. 10)”. Em virtude disso, a retórica durante muitos séculos desfrutou de certo prestígio como objeto de ensino. Entretanto, paulatinamente, ela foi sendo vista como mero recurso de ornamentação do discurso, isto é, enfeite.

Desconsiderada a sua dimensão argumentativa, a retórica foi rebaixada à condição de disciplina menor, restrita à aprendizagem de um rol de figuras que nos são apresentadas de forma isolada, como mera operação formal, e não em virtude dos sentidos que produzem. Como reitera Fiorin (2014), as figuras de retórica devem ser vistas como “operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso. São, assim, mecanismos de construção do discurso. Para entender isso, é preciso vê-las dentro de um contexto mais amplo” (FIORIN, 2014, p. 10). Por isso, ainda de acordo com referido estudioso, a retórica constitui-se em “uma aventura do espírito humano para, na construção da democracia, em que são essenciais a dissensão e a persuasão, compreender os meios de que se serve o enunciador para realizar sua atividade persuasória” (FIORIN, 2014, p.11).

Em outras palavras, a retórica, segundo Aristóteles (1997), não se limita apenas à capacidade de persuadir o ouvinte fazendo-o retirar um julgamento daquilo que ouve ou lhe é apresentado, mas refere-se aos meios a partir dos quais acontece a persuasão. Percebemos, pois, que na arte retórica há uma preocupação em descobrir o que é adequado para cada situação discursiva de forma que a persuasão seja, de fato, eficaz, uma vez que o escopo da retórica é o estudo dos “meios de persuasão criados pelos discursos e [a análise], nos enunciados, [dos] efeitos que eles podem produzir nos ouvintes” (FIORIN, 2014, p. 12).

## **2. A Retórica em Padre Antônio Vieira**

No campo da literatura, um dos mais célebres retóricos foi o Padre Antonio Vieira cuja retórica da fala sermonária desde há muito despertou não só a atenção de seus ouvintes, mas de muitos estudiosos. De acordo com Saraiva (1980), Vieira é o maior pregador do século XVII e a tessitura do discurso engenho que enfeixa cada um de seus sermões é marcada por quatro aspectos que lhe confere eloquência e grande poder de persuasão: preocupação com a palavra; a criação de imagens verbais, o encadeamento das proporções e a construção do sermão como texto, tessitura e não

apenas como uma interpretação da palavra sagrada. Talvez tenham sido esses elementos que nos fisgaram desde sempre ao lermos os sermões de Vieira. Desde que, durante as disciplinas na graduação nas quais era tópico a ser estudado, o contanto com a sua obra aconteceu, fomos fisgados pelo seu “discurso lexicológico”, pela beleza e pelo engenho de seus sermões. Por isso, elegemo-lo como objeto de estudo. Assim, para este trabalho, vamos nos deter na análise do “Sermão de Nossa Senhora do Ó”, o qual procuramos analisar a partir dos elementos que, segundo Aristóteles, integram o que ele chama de gênero epidítico nos qual os oradores “louvam ou censuram algo, visando mostrar a virtude ou defeito de uma pessoa ou coisa”.

As partes do gênero epidítico são: proêmio, narração, prova ou demonstração, interrogação e epílogo. O proêmio é a parte introdutória do assunto. No entanto, além de introduzir, essa parte estabelece relações entre o orador e o auditório. Quanto à narração, ela diz respeito às provas externas e como são apresentadas. Após a exposição das provas, é preciso apresentar as demonstrações a fim de amplificar o conteúdo ali discutido, por isso, o orador utiliza muitos exemplos para que o ouvinte se convença daquilo que está presenciando. A última parte corresponde ao epílogo. Nesse momento, o orador oferece uma série de detalhes favorável à causa defendida no sermão para que, assim, o público possa se converter por meio de elogios ou censura (medo), pois, assim, há uma maior aproximação entre pregador e público ouvinte, já que aquele invoca um comportamento emocional dos ali presentes. Por fim, o orador recapitula o que foi exposto e conclui o sermão.

Ainda acerca do gênero epidítico, pontuemos que ele que era muito utilizado pelos retóricos gregos, anteriores a Aristóteles, em debates políticos e judiciários que aconteciam em praças públicas e cuja intenção era trazer ao conhecimento público matérias que o orador julgava serem de interesse social, provocando a reflexão, e não a discussão. Nesse sentido, a preocupação é atingir a *psique* do auditório, a afetividade, a emoção a partir de estratégias persuasivas, o que tão bem fez Vieira em seus inúmeros sermões que, além dos elementos próprios ao gênero epidítico, estavam apoiados em um tripé formado pela política, pela teologia e pela retórica, em virtude do lugar de fala de Vieira ser perpassado por aspectos políticos e religiosos ao mesmo tempo. Na verdade, Vieira tentava harmonizar política e religião, se apropriando da retórica para construir um discurso que convencesse o público a que se destinava.

Além disso, lembremos que os sermões, naquela época, eram concebidos para serem recitados em público. Logo, esperava-se que houvesse uma preocupação maior com os recursos retóricos e não com o próprio texto como uma tessitura. Entretanto,

vamos ver que os sermões de Vieira se preocupar, ao mesmo tempo, com os elementos retóricos do discurso sem descurar do texto como uma organização que deve contribuir para a persuasão.

## **2.2 Barroco e a contrarreforma: o discurso retórico no sermão *Nossa Senhora do Ó***

Pensando de forma linear, o Barroco é um estilo de época que sucede ao Humanismo português e perdurou do século XVII até meados do século XVIII. Da opulência vivida nos períodos anteriores, Portugal entra em franca decadência: “a cultura portuguesa baixa de tom, vela-se, hiberna, envergonhada ou ensimesmada, a remoer pensamentos de revolta e misticismo, algumas vezes traduzidos em ação, coerente ou não” (MOISÉS, 1972, p. 89). Entre os eventos históricos importantes dentro do período em que se espalhou o Barroco na península ibérica, são dignos de nota, por que interferirão diretamente na vida lusitana:

a) “o triunfo de um grande capitalismo mercantil, constituído em companhias de acionistas particulares que pertencem, indiferentemente, a vários credos ou nações e que utilizam um Estado nacional como garantia de seu monopólio”;

b) a “unificação” da península ibérica, anseio há muito acalentado, mas só conseguido a partir do momento em que, morto D. Sebastião, o Reino de Portugal passa às mãos de Filipe II, rei de Espanha, que ganha o apoio da nobreza e do clero português comprometendo-se a respeitar a soberania de Portugal. Dessa forma, durante sessenta anos, de 1580 a 1640, Portugal esteve sob o domínio espanhol que só veio a findar-se em 1640, embora para firmar-se tenham sido necessários mais de 28 anos (SARAIVA e LOPES, p.453).

O Barroco português desenvolveu-se, portanto, “em meio a um clima inseguro e confuso, de lutas e atuação do Santo Ofício, de domínio espanhol e independência, de crise e de riqueza” (ABDALA JR. e PASCHOALIN, 1985, p.51).

O nome *Barroco* é usado de forma generalizada para designar as características mais gerais que assumem a arte e até a cultura seiscentistas ocidentais. Embora possam pairar dúvidas sobre a sua etimologia, o vocábulo *Barroco* designa uma pérola de forma irregular. Nessa acepção, barroco é a síntese e a explicação para uma arte marcada pelas irregularidades, contrastes e tensões.

Das tensões que permearam o Barroco de ponta a ponta, a maior delas talvez tenha sido “a tentativa de ligar o homem ao Divino – ligação essa que foi rompida pelo

Renascimento que entendia o homem voltado para a terra”. “Há a redescoberta dos terrores do inferno e as ânsias de eternidade. E tudo isso se opõe à visão racional do homem da renascença” (ABDALA JR. e PASCHOALIN, 1985, p.52). A tentativa de conciliação de tendências opostas é, portanto, a marca maior de todo o Barroco, já que este se caracteriza pelo dualismo: “as oposições, as contradições e a tensão são geradas pelo espírito cristão (antiterreno, teocêntrico) e pelo espírito renascentista, racionalista (mundano)” (ABDALA JR. e PASCHOALIN, 1985, p.53).

O eixo ideológico que deu sustentação ao espírito setecentista, sendo dualista, foi marcado por uma série de antíteses: espírito e carne, sensualismo e misticismo, religiosidade e erotismo, realismo e idealismo, céu e terra. No plano das artes, essas oposições vão estar presentes no choque das cores, no exagero dos relevos. No plano do estilo, para exprimir o conflito homem e mundo, são necessários artifícios e figuras que traduzam tal conflito: antíteses, paradoxos, metáforas, simbolismo visuais, sinestésias, hipérboles, catacreses.

O Barroco é marcado pela presença de duas relevantes características: o cultismo e o conceptismo. O primeiro diz respeito ao gosto da supervalutação que utiliza sobretudo metáforas e recursos de expressividade verbal; o segundo faz menção ao exercício da agudeza do engenho, o virtuosismo de um pensamento que procede por meio de subtilezas analógicas. Para Antonio Soares Amora, o cultismo e o conceptismo não foram apenas elementos de um arte de escrever ou puro malabarismo poemático e retórico:

Foi antes, e acima de tudo, o resultado de novo sentimento estético do mundo material e do mundo psicológico. De fato: o Cultismo [...] consistiu, em essência, na busca dos valores plásticos da natureza, dos objetos de arte e da figura humana (particularmente do semblante feminino), busca de que resultou não só o achado de realidades sensoriais (cores, odores, sabores, formas e movimentos), até então não explorados pela arte, como ainda, na ordem da expressão literária, a descoberta de imensas possibilidades expressivas e impressivas da imagética (imagens, metáforas, sinédoques, metonímias, alegorias, símbolos). O Conceptismo, por outro lado, foi o resultado do sentimento agudo da dramática complexidade do mundo interior, e ainda da obsessão da engenhosa análise racional desse mundo, sobretudo de seu centro afetivo, onde se descobriam contradições, paradoxos, impulsos irracionais e intensas paixões; conseqüentemente, na expressão literária dos conceptistas, a procura constante do domínio dos recursos da dialética (a análise penetrante, os raciocínios silogísticos e os conceitos exigentemente lógicos e inteligentes). Uma e outra tendência, por mais de um século se praticaram e ensinaram em Portugal [...].

O Barroco em Portugal desenvolveu-se em torno de 1580 quando o país perde sua autonomia política, passando a integrar o Reino da Espanha. O movimento literário encerra-se em 1756 com a fundação da Arcádia Lusitana, uma academia poética, e tem início um novo estilo: o Arcadismo. Nesse contexto de profundas modificações, o Padre Antônio Vieira ganhou relance pela a escrita de sermões, cujo intuito, em primeira instância, era resgatar católicos que haviam se convertido à doutrina protestante. Com o objetivo de recuperar fiéis para a Igreja Católica e com um senso crítico diante do que estava acontecendo no momento, Vieira torna-se um dos mais prestigiados na corte:

O sermão que Padre Antônio Vieira (1608-1697) pregou, principalmente em Maranhão, Bahia, Belém do Pará, Lisboa e Roma, representava, além de instrumento de ação religiosa, um fato de importância ao mesmo tempo social e literária. Os sermonistas desfrutavam de grande prestígio público e sua atividade era geralmente bem remunerada.

[...]

Numa época em que a imprensa – único meio de divulgação de maior alcance – representava atividade mais artesanal do que mecânica e as tiragens das publicações eram por isso caras e reduzidas, o sermão constituía ainda um eficiente instrumento de comunicação (‘de comunicação de massa’, se podemos usar no caso a terminologia de hoje). Em plena luta da contrarreforma e na sua faina de expansão colonizadora no Oriente e nas Américas, a igreja católica soube utilizar convenientemente esse instrumento, explorando-lhe os efeitos de persuasão mágico-pragmática. Forma literária revestida de magia verbal, o sermão barroco atingia simultaneamente a sensibilidade e a inteligência, comunicando com eficácia a mensagem religiosa (ÁVILA, 2009, p. 09).

Apesar do que expõe o estudioso acima, os sermões de Vieira não foram apenas instrumentos de glória, mas também de perseguições justamente por aquilo que veiculavam. Perseguido pela inquisição por defender os judeus, viaja por alguns países pregando o evangelho de forma diferenciada dos sacerdotes da Igreja, pois apresentava uma visão diferente em relação à escravidão dos indígenas, dos negros, e a relação com os judeus, por isso, fora exilado, sendo proibido de pregar, já que o seu sermão foi considerado subversivo. Com uma retórica arguta, conquista fiéis e grandes méritos, tanto no solo português quanto em outros países, inclusive no Brasil.

Sua obra é extensa, são mais de 200 sermões, textos exegéticos, cartas, profecias, relatório políticos; etc. Conforme Moisés (1972), os sermões do Padre Antônio Vieira objetivavam repreender as atitudes erradas do auditório, mostrando o caminho certo com uma capacidade de persuasão grandiosa. Ele buscava, através de exemplos simples e cotidianos, conquistar os ouvintes e, conseqüentemente, alcançar o seu objetivo de recuperar fiéis, além de também obter prestígio junto à corte.

Nesse sentido, os discursos religiosos do padre unem-se à retórica antiga, à arte que ensina a elaborar o belo discurso persuasivo e que tem como grande mentor o filósofo Aristóteles. Assim, os sermões provocavam reflexão e ensinamento. A Retórica considerada a arte da persuasão desde sua gênese até os dias de hoje passou por várias transformações, resultando na dificuldade de defini-la. Essas transformações ocorreram no âmbito das partes que compõem a elaboração do discurso persuasivo, a saber: invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação. (TRIGALLI, 1998).

A invenção é o procedimento de descobrir provas verdadeiras, que justifica a postura do orador diante do tema que será apresentado; a disposição é a organização dessas provas na forma de discurso logicamente ordenado em princípio, meio e fim; a elocução é o processo de harmonização da linguagem com o tema do discurso e com o nível cultural dos ouvintes; a memória é a firme retenção, pelo orador, das partes fundamentais do discurso elaborado; a pronúnciação é a acomodação da voz e dos gestos do orador perante o auditório e conforme o tema que será discutido. (CARVALHO, 2007, p.12). Depois de tomar posição diante de uma questão controversa, o orador procura as provas, porque elas servem de instrumentos de realização do objeto e a persuasão só se efetiva através de provas. Conforme Silva e Silveira (2014):

Podemos sublinhar o incrível poder de persuasão de Vieira e também do púlpito. Naquela época, apenas ameaçar um fiel com a ida ao inferno já bastava para apascentar o mais terrível auditório. Essa era a extensão da influência da Companhia de Jesus no Brasil. Com ameaças, ora implícitas, ora não, os Padres mantinham a população sob a autoridade do Rei e da Fé. As ameaças somadas à Retórica garantiram o poder da Companhia de Jesus por um longo tempo. (SILVA e SILVEIRA, 2014, p. 04).

Com base nessa citação percebemos que Vieira utilizou de uma linguagem simples e próxima aos ouvintes para conquistá-los. Usando de metáforas e analogias, muitas vezes fazendo referência a passagens bíblicas, o padre conseguiu satisfatoriamente os objetivos religiosos e políticos.

A partir do que foi exposto anteriormente sobre Retórica passemos a analisar conceitos discutidos na análise do sermão levando em consideração, especificamente, as partes que compõem o gênero epidítico. Antes, porém, é pertinente dizermos que o sermão católico, como gênero sacro, atinge seu apogeu ao longo do século XVII e funciona como ferramenta de explicação do divino, sendo, portanto, o padre um intérprete para mostrar aos olhos leigos da humanidade as profecias e a história do

futuro. Há três aspectos historicamente indissociáveis: primeiro, o da representação do povo perante seu Deus; segundo, o da existência de um organismo institucional de mediação; terceiro, o da revelação do futuro; ou seja, os três aspectos consistem em: **o povo, a igreja**, instituição autorizada a desvendar os mistérios, e **o futuro**, elaborado pelas mãos divinas e que será revelado através dos séculos pelos escolhidos a partir da exegese bíblica. Nesse sentido, os artifícios retóricos são utilizados como ferramentas interpretativas para explicar a história, argumentá-la e persuadir o auditório. Diante disso, Vieira preocupa-se em temas para os sermões que viabilizem o interesse e, conseqüentemente, a conversão do público ouvinte.

O tema do Sermão de *Nossa Senhora do Ó* é a concepção de Maria, Mãe de Cristo. Usando da analogia a partir da forma geométrica, o círculo, o sermão é pregado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda na Bahia em 1640. Por meio dessa analogia, Vieira considera para a elaboração do seu discurso que “o ventre virginal da Senhora pela conceição do verbo encarnado fora a circunferência da imensidade, e um círculo que compreendeu o imenso” (VIEIRA, 2009, p. 11), ou seja, o círculo simbolizando o nascimento de Cristo também faz alusão ao infinito amor de Deus para com o seu povo e sua onipotência. Além disso, o círculo ainda está relacionado à comunhão, à hóstia consagrada, a qual torna o ser mais próximo de Deus.

Identificamos o próêmio no referido sermão quando o pregador diz:

E porque o O é um círculo, e o ventre virginal outro círculo, o que pretendo mostrar em um e outro é que, assim como o círculo do ventre virginal na conceição do Verbo foi um O que compreendeu o imenso, assim o O dos desejos da Senhora na expectação do parto foi outro círculo que compreendeu o eterno. Tudo nos dirão, com a graça do céu, as palavras que tomei por tema. Ave Maria. (VIEIRA, p. 01).

. Aqui, ele apresenta o assunto e o tema explicando que fará uma discussão acerca da representação do círculo em diferentes aspectos, compreendendo-o a partir do entendimento do ventre virginal na concepção do salvador do mundo entrelaçado aos desejos da Virgem Maria. Essa alusão ao simbolismo do O alude à compreensão do imenso e da infinidade do Deus cristão. Vieira ainda complementa no próêmio:

A figura mais perfeita e mais capaz de quantas inventou a natureza e conhece a geometria é o círculo. Circular é o globo da terra, circulares as esferas celestes, circular toda esta máquina do universo, que por isso se chama orbe, e até o mesmo Deus, se sendo espírito pudera ter figura, não havia de ter outra, senão a circular (VIEIRA, p. 01).

Nesse sentido, o pregador aponta para elementos circulares tais como a terra, representando toda a humanidade, depois cita as esferas celestes, e termina fazendo referência à máquina do universo. Parece-nos que Vieira elabora um caminho para se chegar até Deus, e, por isso, a imagem do círculo é tão recorrente no sermão, simbolizando a criação. Na verdade, o pregador procura compreender o mistério da concepção do Verbo no ventre da Virgem Maria. Aqui, o corpo fônico e gráfico da palavra serve ao pregador como elementos de persuasão:

Exemplo muito curioso temos no sermão dedicado a Nossa Senhora do Ó que, em Portugal, na Espanha e no Brasil, é objeto de um culto muito difundido. Vieira demora-se no sentido desta palavra minúscula, Ó. Salieta primeiro que Ó é o círculo, isto é, a figura geométrica mais perfeita e a própria forma do universo, que, para ele como para a maioria dos seus contemporâneos, era um sistema de esferas concêntricas. É também o símbolo de Deus, como expressou Dionísio, o Areopagita. A imensidade de Deus pode definir-se como um círculo cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma. Mas, além disso, o círculo é o ventre da Virgem Maria onde Deus foi concebido e permaneceu até o nascimento. Ó é pois um círculo mais que imenso, ‘imensíssimo’, capaz de conter a imensidade de Deus. Referindo-se a isso, Vieira define, de modo especial, a concepção matemática do infinito para mostrar que há sempre um infinito maior que o outro. Além do mais, a Senhora do Ó é a Senhora da Expectação do Parto. Esta espera foi uma eternidade, pois, a cada instante, a Virgem exprimia por um ‘Ó’ o desejo de ver o Menino Deus (‘Ó meu Deus, quando vos verei’) e, por outro lado, os egípcios e os caldeus simbolizavam a eternidade por um Ó (SARAIVA, 1980, p. 12).

Na segunda parte que corresponde à narração, sendo a parte mais longa do Sermão de Nossa Senhora do Ó, Vieira chama a atenção para a imensidade de Deus:

Comparai-me o mar com o dilúvio. O mar tem praias, porque tem limite; o dilúvio, porque era mar sem limite, não tinha praias: *Omnia pontus erat, deerant quoque litora ponto*. Assim a imensidade de Deus — quanto a comparação o sofre. — Está a imensidade de Deus no mundo e fora do mundo; está em todo lugar e onde não há lugar; está dentro, sem se encerrar, e está fora, sem sair, porque sempre está em si mesmo. (VIEIRA, p. 02).

Em seguida atrela essa imensidade divina ao ventre virginal, conforme está expresso no trecho abaixo:

[...] o ventre virginal foi imenso, porque a capacidade que recebe e contém dentro em si o imenso, não pode ser senão imensa. Deus é imenso: logo o ventre virginal, que concebeu e teve dentro em si a Deus, também é imenso. E basta isto? Não. Não só diz que o ventre de

Maria foi imenso, senão imensíssimo. E por que, teólogo divino? Porque cercou a Deus. Quando um imenso cerca outro imenso, ambos são imensos, mas o que cerca maior imenso que o cercado; e por isso, se Deus, que foi o cercado, é imenso, o ventre que o cercou, não só há de ser imenso, senão imensíssimo. (VIEIRA, p. 03).

Diante do exposto, concordamos que o Padre Vieira se refere à figura do círculo a partir do entendimento de Deus como perfeição, unidade, eternidade, como também o mundo, enquanto este contém as coisas criadas. Além disso, se apropria dessa figura para representar o ventre da Virgem. À medida que se ler o sermão somos levados a entender, escolher e aceitar Deus e a virgem como criaturas que estão diretamente ligados à imensidade.

Em seguida, Vieira expõe: “Finalmente, para que não pareça encarecimento o que digo, deixai-me abater o discurso, para melhor o provar”. (VIEIRA, p. 08). Esse momento refere-se às provas e demonstrações, quando, por meio de exemplos retirados da Bíblia, ele tenta justificar o que vem discorrendo acerca do tema. Um primeiro exemplo alude à despedida de Jacó na hora da morte, o qual promete aos filhos a vinda do Messias. Cita também Davi como aquele temente e crente a Deus. Assim expõe para arrematar o discurso e convencer o público: “E se Jacó e Davi de tão longe reconheciam esta eternidade, como a não compreenderia o coração da Senhora dentro nos OO dos seus desejos, tanto mais intensos quantos mais vizinhos, e tanto mais dilatados quanto mais intensos?”. (VIEIRA, p. 09). Por meio dessa fala, Vieira não deixa brechas para que o ouvinte questione, por isso assevera: “Certo estou já que não haverá quem duvide que os desejos da Senhora foram eternos”. (VIEIRA, p. 09). Ou seja, não há saídas, o argumento é tão intenso que por meio da persuasão o orador consegue captar a atenção de todos, inclusive dos que por ventura estejam afastados da Igreja.

E, por fim, na última parte que corresponde ao epílogo, o orador faz uma retomada do tema explicando mais uma vez acerca das figuras circulares abordadas no sermão, as quais remetem à ideia de eterno que, conseqüentemente, deviam estar diretamente relacionadas à doutrina católica. Assim expõe:

No primeiro discurso, sobre as palavras: *Ecce concipies in utero*, não provei eu que o ventre virginal da Senhora, pela conceição do Verbo Encarnado, fora a circunferência da imensidade, e um círculo que compreendeu o imenso? Pois isso mesmo é o que a onipotência divina tornou a obrar por nosso amor no mistério altíssimo do Sacramento, encerrando naquele círculo breve de pão toda a imensidade de seu Ser divino e humano. Por que cuidais que instituiu a Igreja que a forma da Hóstia consagrada fosse de figura circular, como foi desde seu princípio e se continuou sempre? Alguns quiseram na Grécia que a

figura da Hóstia fosse quadrada, para significar os quatro elementos de que é composto o corpo de Cristo, e as quatro partes do mundo, sobre que tem absoluto e supremo domínio; mas prevaleceu a figura circular, não só porque no círculo se representa também a redondeza do mundo, mas, como diz São Gregório Papa, porque sendo figura que não tem princípio nem fim, em nenhuma outra se exprime mais claramente a eternidade, a infinidade e a imensidade divina, que naquele milagroso círculo está encerrada. [...]. (VIEIRA, p. 13).

Conforme vimos na parte acima, o orador reitera seu discurso aproveitando para explicar a alegoria do círculo simbolizando o eterno a partir da doutrina católica. Aponta a hóstia como sendo a representação do divino e, por esse motivo, devia ser aceita como imensidade também, pois “exprime mais claramente a eternidade, a infinidade e a imensidade divina, que naquele milagroso círculo está encerrada”. Está representada uma maneira de levar o público à conversão através do discurso engenhoso elaborado pelo padre Vieira.

Ao final ainda revela que cumpriu a função do sermão de exortar e instruir os fiéis, “porque o primeiro todo foi do Sacramento, encarecendo a sua maior excelência, e o segundo todo foi ao auditório, dando-lhe a mais importante doutrina.” O ventre da Virgem que trouxe o salvador a todos os fiéis, está representado na própria hóstia, que depois de consagrada é tornada Eucaristia. Ao se tornar corpo de Cristo para a comunhão, a hóstia simboliza corpo, alma e Divindade na Eucaristia, portanto, se trata do mesmo fenômeno de um infinito cercado por um círculo, que é o pão consagrado, “Pois isso mesmo é o que a onipotência divina tornou a obrar por nosso amor no mistério altíssimo do Sacramento, encerrando naquele círculo breve de pão toda a imensidade de seu Ser divino e humano”. (VIEIRA, p. 11). Termina o sermão buscando a emoção do público e enuncia: “Que reformeis todos nossos desencaminhados desejos, que os aparteis de todas as coisas temporais e da terra, que os levanteis ao céu, e os encaminheis à eternidade [...]”. (VIEIRA, p. 12).

Assim, como afirma Saraiva (1980), se no início do sermão a palavra Ó se referia apenas à Virgem Maria, à medida que vamos lendo o texto, percebemos que o significado atribuído a essa palavra vai se expandido de tal forma que ela passa a se revestir de muitos sentidos: “é Deus, a imensidade, o ventre materno, o zero, a eternidade, o círculo na água, a expressão do desejo. Um significante vazio torna-se o ponto de encontro de uma série de significados” (SARAIVA, 1980, p. 13).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aristóteles na Retórica sintetizou conhecimentos fundamentais para o estudo da arte no geral e legou-nos uma poderosa ferramenta para o estudo e análise no que se refere à Literatura. Nosso objetivo foi apresentar uma breve análise do Sermão *Nossa Senhora do Ó* a partir do gênero epidítico e suas partes. Diante do estudo feito consideramos que Vieira se utilizou da persuasão, em primeira instância, para converter aqueles que haviam se distanciado devido às ideias propagadas pela Reforma Protestante. Utilizou a figura do círculo com o sentido simbólico para representar a divindade e seus atributos como perfeição e plenitude, por isso, tomou como ponto de partida o círculo do ventre que concebeu o salvador para, em seguida, discutir acerca da relação dos próprios fiéis na consideração e no recebimento da Eucaristia. A partir dessa análise vimos que é possível aplicar os fundamentos da *Retórica* a partir da leitura dos sermões vieirianos.

#### ABSTRACT

Father Antonio Vieira (1608-1697) is an emblematic name in Portuguese literature. His work is quite extensive and has been studied over the centuries from the most diverse perspectives. In this article, based on the presuppositions of the rhetorical art, according to the thought of Aristotle, we will analyze the Sermon Our Lady of the O. In this reading, we have recourse to authors such as Saraiva (1980), Àvila (2009), Fiorin (2014, 2015) that will allow us to read Vieira's intricate ingenious discourse.

Keywords: Rhetoric. Ingenious speech. Sermon.

### 4. REFERÊNCIAS

ABDALA Jr. Benjamin & PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.

ARISTÓTELES. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

ÁVILA, Affonso. O barroquismo no sermão de Vieira. In: DUARTE, Lélia Parreira e ALVES, Maria Theresa Abelha. *Padre Antônio Vieira: 400 anos depois*. Belo Horizonte: Editora da PUCMINAS, 2009. p. 09-13.

CARVALHO, Marcelle Ventura. **A Retórica a serviço da fé**. João Pessoa: Ed. Livro Rápido, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SARAIVA, Antonio J. *O discurso engenhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SARAIVA, António José e LOPES, Oscar. A época barroca. In: \_\_\_\_\_ *História da Literatura Portuguesa*. 16.ed. Coimbra: Porto Editora, s/d, p. 454-465.

SILVA, Vinícius Pimenta. SILVEIRA, Marcelo. Retórica e Antônio Vieira: novos olhares. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 7, p. 234-245, dez.2014.